



## **TORNAR-SE PROFESSORA EM UM ESTÁGIO CURRICULAR REMOTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Andressa Coelho Müller (dessa.c.muller@gmail.com)  
Fernanda Monteiro Rigue (fernanda\_rigue@hotmail.com)

**Eixo Temático:** 2. Experiências de Formação.

### **1. INTRODUÇÃO**

A experiência que será materializada nessa oportunidade, diz respeito ao Estágio Curricular Supervisionado vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A referida prática formativa se consolidou de forma remota, tendo em vista as medidas de isolamento social impostas pela pandemia do coronavírus (COVID-19). Diante dessa condição emergente em março de 2020, a experiência de estágio foi realizada de forma colaborativa, ou seja, as propostas foram pensadas e construídas através da parceria entre a estagiária e a professora regente em uma turma de Maternal de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), situada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

As práticas de estágio iniciaram em março de 2021, período no qual as aulas aconteciam apenas de forma remota e, para a Educação Infantil as atividades propostas eram enviadas semanalmente através de redes sociais. A intenção era promover experiências realmente significativas para as crianças realizarem no período de isolamento, contemplando os materiais disponíveis em suas casas. No entanto, durante o período de estágio, foi executado um plano de retorno ao ensino presencial de forma escalonada, ao qual uma parcela dos alunos aderiu. Esse retorno exigiu mudanças na estruturação do planejamento, objetivando proporcionar experiências 'semelhantes' tanto para as crianças que permaneciam no modelo remoto, quanto para aquelas que retornaram às aulas presenciais na escola, ainda que, enquanto estagiária, não fosse possível estar inserida na instituição escolar, por questões de segurança.

Por meio da breve exposição do trajeto percorrido durante o estágio curricular e das reflexões inerentes a ele, este relato, do tipo narrativo<sup>1</sup>, visa compartilhar a experiência de formação vivenciada em um contexto completamente novo para todos, em que buscamos nos adequar às condições que estão a nosso alcance para

---

<sup>1</sup> "Por meio desse narrar também é possível perceber a potência da liberdade nos processos educacionais. Processos que dissolvem a aposta em prescrições apriorísticas e comprometem-se com a ética pulsional do encontro dos corpos e, portanto, daquilo que se aprende com eles, em meio a eles, nas relações entre os humanos que inauguram encontros, bons encontros, multidões" (RIGUE, 2021, p. 25).

atender as necessidades de um período emergencial, tendo consciência de que esse modelo não contempla as demandas e urgências da Educação Infantil, mas que responde as contingências de um presente incerto e complexo.

## **2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES**

As atividades da disciplina de Estágio Supervisionado iniciaram em outubro de 2020, por meio de encontros virtuais pela plataforma online Google Meet. Nessa, estudamos e refletimos acerca de assuntos importantes para a retomada das aulas presenciais e compartilhamos sentimentos que faziam parte de nossas vidas naquele período. Por conta da situação pandêmica, as práticas de estágio, tão aguardadas durante toda a graduação, precisaram ser adiadas. A esperança era de que logo no início de 2021 estaríamos vacinadas/os e poderíamos realizar o estágio final de forma presencial, mas essa possibilidade parecia cada vez mais distante, ainda que as aulas retornassem. Sem dúvida, era momento de priorizar a saúde, preocupando-se não só com os interesses pessoais, mas com a coletividade.

Em março de 2021, recebemos a notícia de que poderíamos realizar o estágio final de forma totalmente remota. Diversos sentimentos vieram à tona, como insegurança, nervosismo e incerteza. Como seria possível desenvolver um trabalho com crianças pequenas sem olhar em seus olhos, sem tocá-las, sem interagir de forma direta e em tempo real? Esses eram alguns impasses, mas era necessário enfrentar esse misto de sentimentos e tomar uma decisão. Assim, com a consciência de que o trabalho remoto atende uma situação emergencial e que, nem de longe, dá conta da especificidade da Educação Infantil, assumi o desafio de desenvolver um trabalho que proporcionasse aprendizagens e experiências para as crianças e suas famílias, acolhendo e apoiando-as diante das complexidades desse contexto.

Para realizar o estágio, era necessário que uma escola estivesse disposta a receber uma estagiária em um momento tão delicado, por isso, busquei uma instituição onde já havia realizado um estágio anteriormente e, portanto, já conhecia sua realidade e forma de trabalho. Como esperado, algumas dúvidas surgiram e muitas delas eu também não sabia responder, era uma viagem para a qual não tínhamos as rotas bem definidas. Recebendo a aprovação da escola, iniciei a vivência do estágio. A turma disponibilizada pela instituição para que pudesse realizar o estágio foi um Maternal I, o que me deixou ainda mais aflita, pois as crianças eram realmente bem pequenas, o que ao meu ver tornaria a docência ainda mais desafiadora. Mais do que com as crianças, percebi a comunicação com a professora regente muito comprometida em função da distância, muitas vezes temia estar invadindo seu espaço ou incomodando, especialmente por considerar a sobrecarga que os/as professores/as enfrentavam no período.

Na primeira reunião pedagógica que participei, percebi, por parte da direção, a preocupação com a segurança dos/as docentes e das crianças, bem como o anseio de realizar o trabalho remoto com coerência, sabedoria e organização. Uma orientação importante para nortear o planejamento, veio da Secretaria de Educação, que solicitava a redução no volume de atividades enviadas às famílias, considerando as outras demandas que elas possuem. Nesse sentido, enfatizou-se também a importância de optar por atividades mais práticas, concisas e de fácil entendimento, acesso e retorno pelos pais. A ideia foi de enxugar o planejamento, sem perder o alinhamento às demandas contemporâneas, possibilitando a

aproximação das famílias e crianças que não estão participando das atividades, com o objetivo de manutenção dos vínculos. Foi proposto o trabalho por meio de temáticas semanais contemplando a educação musical, a psicomotricidade fina, informações para as famílias e o retorno das mesmas. Mesmo considerando que esse trabalho pudesse ficar 'engessado', foi a melhor opção de trabalho encontrada pela escola no momento. A direção da escola enfatizou que a prioridade deveria ser a qualidade das propostas e não a quantidade e que, mais do que exigir retorno das atividades para a família, fosse mobilizada atenção para qualidade dos vínculos.

Em abril de 2021, iniciei oficialmente minhas práticas, enviando um vídeo de apresentação ao grupo de WhatsApp, por meio do qual era realizada a comunicação entre escola e famílias. Não obtive nenhum retorno/resposta, mesmo considerando que as famílias possuem outras demandas importantes, fiquei bastante frustrada. Durante a semana, recebemos algumas devolutivas da última proposta enviada, além dos vídeos demonstrando e falando sobre a importância de lavar as mãos. As crianças construíram casinhas de papelão, destacando a necessidade de ficar em casa, pelos vídeos foi possível ver a interferência dos familiares. Assim, através desses retornos, pude ir conhecendo melhor as crianças da turma.

A proposta seguinte, enviada pela professora regente, consistia em utilizar uma lanterna e as mãos para produzir a sombra de animais na parede, em seguida, as crianças deveriam registrar o que viram em um pequeno livro feito com papel. Mais uma vez, os poucos registros recebidos demonstraram o envolvimento das crianças, muito mais com a brincadeira de projeção das sombras, do que com o registro, além disso, foi possível perceber a presença recorrente dos dinossauros nos desenhos, sendo um indicativo importante para as futuras propostas.

Na semana seguinte, em função da data comemorativa ao Dia do Índio, foi trabalhada a Cultura Indígena de forma bastante lúdica, de acordo com a idade das crianças e contemplando a educação musical, através da proposta de construção de um instrumento. No entanto, ao meu ver, os vídeos que foram selecionados para envio aos estudantes apresentavam o povo indígena de maneira estereotipada, descontextualizada e distante dos espaços sociais que eles ocupam atualmente, ignorando, por exemplo, sua presença no meio em que vivemos, como se eles estivessem isolados nas florestas, alheios ao modo que vivemos hoje e às tecnologias que usufruímos. Por outro lado, as devolutivas da atividade demonstraram bastante participação das crianças, que se mostravam muito envolvidas com a proposta.

Ao final do mesmo mês, participei de mais uma reunião da escola, cuja pauta principal era organizar o futuro retorno das aulas de forma híbrida. Essa mudança teve impacto em todo o planejamento que estava construindo para as semanas seguintes, quando assumiria a regência da turma, pois, considerando que a frequência não é obrigatória nas turmas de Maternal, a escola iria apenas ofertar/sugerir propostas remotas semanais com o intuito de manter os vínculos, dispensando ações como a busca ativa às crianças que não estavam participando. Além das organizações técnicas a respeito das medidas de prevenção à COVID-19, foi destacada a importância do acolhimento no retorno.

Nessa semana, a proposta teve como temática a importância do trabalho, em função do dia do trabalhador, as sugestões permitiram às crianças a dramatização e a experimentação de papéis, compreendendo também o trabalho que faz parte da sua realidade, exercido pelos familiares, além de conhecerem algumas profissões através de um vídeo enviado pela professora, ainda que de forma bastante

superficial. Ao longo da semana, recebemos o retorno de algumas famílias acerca da proposta enviada, revelando diversas profissões preferidas pelas crianças, como fazendeiro, baterista, enfermeiro, veterinário e policial. A maioria delas não aparecia no vídeo, mas foi possível perceber que todos os alunos experimentaram a imaginação e a brincadeira.

Em seguida, eu e a professora regente pensamos sobre o planejamento da semana seguinte, cuja temática estaria relacionada à data comemorativa ao dia das mães, mas de forma mais aberta, com o tema “quem me ama”. Pensando em uma proposta que possibilitasse interação e fortalecimento dos vínculos entre a criança e a mãe e/ou pessoa que ama e cuida, sugeri mobilizarmos o/a responsável a compartilhar com a criança os brinquedos, brincadeiras e músicas de sua infância, estimulando reviver essas experiências. A proposta potencializava um momento de interação nas famílias, ampliando as compreensões, inclusive, de brincadeiras.

No início do mês de maio, as turmas de Maternal da escola retornaram ao ensino presencial em pequenos grupos e, com isso o planejamento que havia sido construído para minha primeira semana de regência remota, precisou ser completamente modificado, pois deveria estar relacionado à temática que estava sendo trabalhada em sala de aula, cujo nome era “Toda a cor tem magia”. Embora compreendesse a necessidade de modificação das propostas em função do retorno presencial, principalmente, porque essas crianças estiveram por mais de um ano longe da escola e, precisavam ser acolhidas novamente para sentirem-se seguras nesse ambiente, acabei ficando desmotivada pois fui avisada dessa mudança com pouquíssimo tempo para me reorganizar. Me adaptei às demandas, principalmente pelo fato da professora ter se mostrado disponível a pensar juntamente comigo em uma nova proposta. Nos reunimos às pressas e conversamos sobre o que poderia ser proposto. Eu precisava encontrar no planejamento desenvolvido pela professora regente em sala de aula, atividades que pudessem ser realizadas em casa para aquelas crianças que permaneciam no ensino remoto, ainda que para isso fossem necessárias adaptações. Muitas das propostas desenvolvidas na escola naquela semana exigiam materiais que as famílias dificilmente teriam em casa ou, em alguns casos, envolviam a exploração de ambientes da escola. Assim, minhas possibilidades ficaram ainda mais reduzidas, além disso, mesmo com o curto espaço de tempo para planejar, queria propor algo que fosse de fato significativo para as crianças que permaneciam em casa.

A primeira proposta foi em função da música que respalda o tema do projeto, “Magia das cores”, do Mundo Bitá. Propus alguns questionamentos para as crianças acerca da música, visto que em sala de aula, ela também seria explorada de forma coletiva. Uma das propostas do planejamento, era a pintura livre em papel sulfite com tinta têmpera e pincel, nomeada como “Colorindo o nosso mundinho”. Para o planejamento remoto, coloquei como opção o uso de um papelão, visto que é um material mais acessível às famílias, quanto às tintas e pincel, a professora tem conhecimento de que as famílias os possuem. A outra proposta também foi inspirada no planejamento da professora, estimulando a coordenação motora. Esta consistia na atividade de acertar a bola no cesto. Em casa, os responsáveis poderiam usar uma bola qualquer, até mesmo feita de jornal e o recipiente poderia ser um cesto de lixo, lata ou balde, utensílios de uso doméstico.

Receber as devolutivas dessas propostas foi muito gratificante, justamente por ter sido a primeira proposta enviada por mim. Além de fotos, uma mãe enviou um vídeo que demonstrava um grande interesse do menino no desenvolvimento da atividade. Foi possível ver que as mãos dele também foram pintadas para que

carimbasse-as na folha, mas que nesse processo ele se envolveu e brincou, pois em uma das fotos, parecia estar admirado olhando para as mãozinhas. Observei que a atividade foi realizada em um caderno de desenhos, diferente do que foi proposto, mas fiquei feliz em ver que a família teve interesse em realizá-la, adaptando-a ao que estava a seu alcance no momento. Posteriormente, recebemos o retorno de outras famílias no grupo, eles demonstraram bastante envolvimento das crianças, bem como das mães que oportunizaram aos filhos, outras relações com a proposta enviada, utilizando massinhas de modelar e brinquedos coloridos.

Para a semana seguinte, a professora sugeriu partir da história “Meninos de todas as cores”, pois o trabalho presencial seria desenvolvido através dela, assim, pensei que as crianças poderiam relacionar as cores dos bonecos (preto, branco, vermelho e amarelo) a coisas que tem em suas casas, além disso, a professora regente pediu que a partir da cor branca fossem feitas relações com o sal e o açúcar, estimulando as crianças a pensarem em alimentos salgados e doces, o que foi viável, já que são produtos que todos costumamos ter em casa. Também propus uma brincadeira em que o responsável deveria pedir que a criança encontrasse alguns objetos da cor solicitada. Outra atividade proposta foi a coleta de galhos e folhas secas para que as crianças brincassem e produzissem desenhos na terra, considerando que a maioria das famílias tinha pátio em casa. Mais uma vez, ver as imagens das crianças, foi muito gratificante e me deixou muito feliz. Na brincadeira de encontrar os objetos foi possível ver a alegria de um menino que vibrava a cada vez que encontrava o objeto colorido, a proposta com elementos da natureza também revelou muito envolvimento por parte dos alunos. Mesmo com a redução das devolutivas, pelo fato das famílias mais participativas terem retornado ao modelo presencial, fiquei extremamente feliz com os retornos que recebi.

**Figura 01:** Registro das atividades desenvolvidas no Estágio.



Fonte: Autoras (2021).

Para a última semana de práticas foi solicitado trabalhar com a Cultura Africana, pensei em questionamentos a partir da história “O cabelo de Lelê”, de Valéria Belém. Em seguida, as crianças assistiram e brincaram com o vídeo “Bouboukalakala - Comptine d'Afrique pour les petits”, imitando os animais que aparecem nele. Posteriormente, como atividade de registro, foi proposto que expressassem o animal que mais gostaram de imitar no vídeo, dos retornos recebidos, os animais preferidos foram a galinha e o elefante.

### **3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO**

Ostetto (2008) inicia um de seus textos sobre o Estágio Curricular com a passagem de Rainer Maria Rilke, que diz “Desejava algo melhor do que transformar-se?” (Cartas a um jovem poeta, 1998, p. 68). Esse trecho, bem como todo o texto, é muito significativo quando penso na minha experiência de estágio final na Educação Infantil. O estágio foi um processo de transformação que exigiu de mim uma flexibilidade, que nem eu sabia ter, considerando o contexto no qual a prática foi desenvolvida. Nesse contexto, tive a chance de conectar: cognição e afeto; razão e emoção; pensamento e intuição (OSTETTO, 2008). Acredito que a Educação Infantil, por si só, já requer uma atenção especial, mas pensá-la em um contexto de pandemia, em que as crianças estão longe da escola, das professoras e dos colegas há mais de um ano, torna o afeto, a emoção e a intuição extremamente necessários.

Ao longo dessas semanas de estágio, a intuição andou junto comigo, afinal, eu não conhecia as crianças e as famílias com quem trabalhava e para quem planejava, vi uma foto de cada um antes de começar e, conforme as propostas aconteciam, fui vendo mais algumas fotos e vídeos - de alguns mais que de outros. Mas, criança nenhuma cabe em um vídeo, muito menos em uma foto. Apesar de não ter a criança ‘concreta’ em minha frente, precisava lidar com suas singularidades, e mais, com a singularidade de suas famílias, que nunca estiveram tão envolvidas nas práticas pedagógicas, quanto nesses tempos de distanciamento.

Estava afastada fisicamente das crianças, mas estava muito mais próxima das suas famílias. Contudo, lidar com isso não foi uma tarefa fácil, nem sempre conseguia perceber seus envolvimento nas ações. O diálogo ‘olho no olho’ foi muito prejudicado. A ausência de retorno das propostas ou de qualquer outra comunicação podia significar muitas coisas: a família estava sem acesso à internet; a conexão estava ruim; a família estava com alguém doente; a criança estava doente; algum parente havia falecido; a criança não estava interessada; a família estava com outras demandas mais importantes; enfim, questões que não estavam ao meu alcance. De qualquer forma, ‘acessar’ as crianças, só foi possível porque os pais ou responsáveis permitiram, mesmo que através de poucas fotos - que são apenas recortes do que é vivido em suas realidade - acessar as crianças, reforçando a importância da parceria família-escola.

Percebo agora o quão fundamentais são os eixos norteadores da Educação Infantil: interações e brincadeiras. Sem considerar e valorizar esses aspectos, torna-se inviável desenvolver um trabalho de qualidade. Eles são de fato o que norteia as experiências que se constituem nesse espaço, são o que há de mais precioso. Além disso, acompanhar os relatos do retorno presencial da turma pelas professoras da escola nas reuniões, deixou ainda mais evidente para mim a indissociabilidade entre educar e cuidar na Educação Infantil, é impossível desenvolver essas ações de forma isolada. Ostetto (2008) diz que “Ser profissional da educação significa experimentar sentimentos” (p. 136) e, o estágio curricular na Educação Infantil foi, sem dúvida, um processo repleto de incertezas, inseguranças e até medo, mas todos esses sentimentos foram essenciais para que essa experiência fosse potente, plural e extremamente transformadora.

Nos encontros que realizamos desde o ano anterior na disciplina de Estágio Supervisionado, surgiram muitas ideias e expectativas, eu mesma, queria desenvolver muitas propostas sugeridas por nossa orientadora, mas, foi preciso adequar à realidade escolar, da professora regente (que está ali há muito mais tempo), das crianças e das famílias que fazem parte desse contexto. Perceber que a escola faz o melhor que pode, com as condições que tem, foi fundamental.

Portanto, reconhecendo que em certos momentos predominou a observação, em outros, houve maior protagonismo, minha vivência na regência envolvendo propostas lúdicas, demonstrou que foi possível manter e fortalecer os vínculos existentes entre crianças, famílias e escola - cultivando uma docência aberta ao inusitado e a aprendizagem permanente.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Planejar para crianças que não conhecia e muito menos convivía, foi um grande desafio. O maior, eu diria. As fotos e vídeos enviados pelas famílias não eram suficientes para compreender as particularidades de cada criança, suas dificuldades e potencialidades. O processo que tanto estimamos na construção das aprendizagens não pôde ser valorizado nesse momento, ele teve que ser substituído por um mero produto final, por uma foto, um vídeo, no máximo. Mas isso não fez da experiência de estágio remoto, algo raso, insignificante, muito pelo contrário, me ensinou muito. Ensinou-me a valorizar as interações que acontecem em sala de aula e a estar atenta a elas, perceber que absolutamente tudo que acontece em sala de aula pode ser explorado, transformado, ressignificado. Aprendi também que Educação Infantil é presença, contato, interação, afeto e que isso não pode ser substituído por nenhuma tecnologia, ainda que ela tenha sido a alternativa que nos aproximou nesse período em que não é possível estarmos juntos fisicamente.

A construção narrativa deste relato de experiência foi um processo extremamente significativo, permitindo, por meio da atenção aos registros semanais, compreender e identificar fragilidades, potencialidades e desafios do movimento vivido. A escrita paralela às vivências possibilitou enxergar e apropriar-me da experiência vivida através de uma perspectiva diferente, proporcionando a oportunidade de 'voltar no tempo', rever o que deu certo, refletir a respeito de todas as posturas e ações e vislumbrar novas possibilidades. Além disso, é através dos registros realizados ao longo do estágio, que pude articular o que foi vivido na prática, com as perspectivas teóricas que vem me sendo apresentadas desde o início da graduação.

O estágio remoto, além de uma necessidade para concluir a formação, se apresentou para mim uma oportunidade de proporcionar experiências e garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento para crianças que estão em casa há tanto tempo. As interações e experiências são o que há de significativo e o que dá sentido à Educação Infantil, principalmente para as crianças menores. Nas minhas propostas, busquei valorizar a imaginação e as possibilidades que estão dentro de casa e fazem parte do seu cotidiano. Ainda que, muitas vezes, me sentisse um pouco limitada e sem autonomia, foi isso que busquei fazer, procurando entender os desafios que todos os docentes enfrentam nessa situação completamente nova e, mesmo assim, dispõe-se a receber alguém novo em sua 'sala de aula virtual', como fez a professora regente da minha turma.

A vivência dessa experiência foi fundamental para a minha formação enquanto educadora. Estar junto com a escola no cenário excepcional desencadeado pela pandemia, foi importante e muito potente. Os docentes, de modo geral, estão sobrecarregados e, portanto, estabelecer relações de parceria com eles é também um ato de solidariedade e empatia. No entanto, é preciso reiterar que o virtual não é, nem de longe, o lugar ideal para consolidar a formação de educadores e

educadoras, tampouco para vivenciar a infância e as experiências que a Educação Infantil se propõe a promover.

Logo, o presente relato de experiência é significativo na medida em que dimensiona o tornar-me professora pedagoga em meio a um contexto totalmente inusitado de formação, a situação de isolamento social e de ensino remoto, convidando a reconhecer os limites e possibilidades que dele emergiram. Uma tessitura complexa, plural e viva que transformou meu modo de pensar a docência e o próprio processo formativo.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OSTETTO, L. E. O Estágio Curricular no Processo de Tornar-se Professor. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Educação Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de Professores**. Campinas: Papyrus, 2008.

RIGUE, F. M. O acesso a corpo mínimo e os processos educacionais: tomos-vacúolos de uma escrita-oficina. In: RIGUE, F. M. (Org.). **Rizomas em Educação**. Veranópolis: Editora Diálogo Freireano, 2021.